

# Depoimentos

## IGNÁCIO POR ELE MESMO

*Marisa Giannecchini Gonçalves de Souza\**

### **Permanências**

*...o que amamos e fomos um dia, ou nunca fomos,  
e contudo arde em nós à maneira da chama que  
dorme nos paus de lenha jogados no galpão.*

(Carlos Drummond de Andrade)

O professor Ignacio Assis Silva, o Igas como o conhecemos, é presença junto a seus pares, professores universitários, alunos de pós-graduação/graduação, não só do Curso de Letras, mas de diferentes áreas em que a comunicação (des)vela seus sentidos e expedientes de sua construção.

Em busca de resgatar suas estacas – referências/balizas como ele gostava de chamar – encontramos o *Memorial* apresentado à banca examinadora, por ocasião de sua livre-docência. Da pós-graduação da Unesp – Araraquara às nossas mãos, ou, de forma sinestésica às nossas mãos e olhos, pudemos “ver” o Professor Ignácio e, nesse regime de visibilidade, como Sujeitos/leitores, captar o objeto posto à nossa observação. Jogos construídos pelo olhar, pondo-nos um texto a descoberta, a despeito da ilusão de objetividade, diante de um Sujeito enunciador que deixa suas marcas na cena que constrói.

---

\* Universidade Estadual Paulista – Unesp-Araraquara.

O título é dele: *Permanências* e a epígrafe fala “da chama que dorme nos paus de lenha jogados no galpão”, para definir o que amamos, quem fomos. Aí está Ignácio por ele mesmo, ilusões que o texto cria, mas geram efeitos de sentido de verdade e, para os que crêem, a verdade que elegemos:

Em 1958, quando deixei o Seminário de São Roque, queria, ao mesmo tempo, ser um homem de Letras e engenheiro químico. A necessidade de trabalhar cortou-me, sem dó, o acesso à Faculdade de Engenharia Química: o curso, além de pago, exigia tempo integral.

Sobrou-me o caminho das Letras, mais precisamente, das Letras Clássicas, no qual me dera muito bem em meus anos de Seminário. Comecei o curso na PUC-SP em 1960, transferindo-me para a USP, em 1961. Deixaram marcas, nesse Curso, os professores C. Lagar (grego, PUC), Aubreton, Cavalcante de Souza (grego, USP) e A. Tonioli (latim, USP), este, o responsável pelo meu ingresso na vida universitária, em 1964.

Sob indicação do Prof. Tonioli, fui para São José do Rio Preto em agosto de 1964, com uma incumbência nada fácil: substituir o Prof. Flávio di Giorgio, verdadeiro ídolo, tanto junto aos alunos como junto aos colegas, caçado pelo movimento de 64.

Após alguns meses em que tive de conviver com a desconfiança dos alunos (eles me viam como alguém posto ali pela “Revolução”), consegui firmar-me como professor de Língua e Literatura Latina, mostrando a que vinha, trabalhando seriamente o texto, como tinha aprendido com os professores acima citados.

Lecionei latim e literatura latina até a chegada do Prof. Alceu Dias Lima, em 1967.

Minhas preferências: o canto VI da *Eneida* (Vergílio), as *Odes* de Horácio, pelo vigor figurativo da escritura desses poetas. Dava também algum Ovídio, mas sem persistência nem sistematicidade. Hoje sei que pesava nesse tratamento o preconceito herdado dos tempos de Seminário bem como de Faculdade.

Os resultados obtidos junto aos alunos com os métodos aprendidos na USP levavam a perguntar-me, com insistência, sobre o

sentido de ensinar Latim num País, cujo povo, na sua grande maioria, tinha como necessidade mais premente um prato de comida. Essa pergunta eu a fazia igualmente a Carl Heupel, professor de alemão respondendo temporariamente pela disciplina de Lingüística, várias vezes sentados às margens do rio Turvo, à espera de algum peixe menos escolado.

Tendo, não obstante, de continuar ensinando latim, comecei a procurar um meio menos doloroso e mais atualizado de fazê-lo. Foi assim que cheguei à Lingüística.

À Lingüística aplicada, não à das angustiantes (na época) antinomias saussurianas nem à dos questionamentos sapirianos e whorfianos, mas à Lingüística aplicada “pé-no-chão” dos manuais inspirados em E. Nida, K. L. Pike, Gleason, C. C. Fries, Hockett. Apesar de ter tido um ano inteiro de lingüística saussuriana nos meus tempos de PUC, minha entrada, de fato, na Lingüística, foi por meio do estruturalismo bloomfieldiano. Eu não queria discussões, vôos teóricos; queria uma ferramenta de trabalho.

A pós-graduação na USP em 1967 e 1968, o contato com Jakobson, o curso de Semântica com I. Lowe, em 1969 (curso de verão promovido pela USP e pelo PILEL), a grita chomskyana contra o estruturalismo e a favor da sintaxe transformacional, foram afastando essa esperança no estruturalismo “pé-no-chão” da lingüística aplicada norte-americana e fazendo-me voltar às questões de Lingüística Geral com que se debatiam os lingüistas europeus: A. Martinet, E. Coseriu, L. Mounin, R. Jakobson, L. Hjelmslev, L. Tesnière, G. Guillaume, B. Pottier. É que o estruturalismo norte-americano ajudava, razoavelmente, o trabalho em nível fonológico e morfológico; deixava, porém, muito a desejar, no nível sintático.

Outra vez, o pragmatismo imediatista, ranço de que não consegue libertar-se a Lingüística norte-americana, leva a uma nova decepção. A fundamentação epistemológico-metodológica, com que N. Chomsky embasa seus ataques ao estruturalismo dos anos cinquenta e alicerça as postulações do transformacionalismo, é ridiculamente desproporcional ao modelo de análise sintática que dá à luz. Um parto da montanha. Falta a Chomsky e sobretudo aos chomskyanos a tarimba, o jogo de cintura, que tem um indo-europeísta como E. Benveniste, de generalistas como L. Tesnière, G. Guillaume, L. Hjelmslev. Falta-lhe o lastro da lingüística de campo

dos lingüistas aplicados norte-americanos e falta-lhe sobretudo o lastro da experiente Lingüística Indo-européia.

Da insatisfação com a sintaxe às preocupações e ao interesse pela Semântica, o passo foi fácil e prazeroso.

D. C. Bennett e especialmente S. Lamb, com sua proposta de uma gramática estratificacional, foram os primeiros a merecerem real atenção, não obstante tenha começado, como todo mundo na época, pela semântica de S. Ullmann. Rápida visita a W. Chafe.

A seguir, K. Baldinger, cuja principal função foi colocar-me em conta com a Semântica de B. Pottier.

De Pottier a Greimas, a ponte foi a concepção de análise sêmica. Mas o responsável imediato pela ida, não apenas minha, mas de todo o grupo BACAB, à Semântica Estrutural de Greimas foi o prof. Peñuela Cañizal, o primeiro, em São José do Rio Preto, a ler a *Busca de um método greimasiano* para a análise semântica. Foi a partir dessa leitura de Greimas e dos textos barthesianos que nasceu BACAB-Estudos Semiológicos, em 1970, metamorfoseada, em 1973, em *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*.

Já nessa época, impulsionada por A. Schaff e Henri Lefebvre, despertava em mim a preocupação com o simbólico. “As relações constitutivas do signo”, no primeiro número de BACAB, testemunham isso.

Principais instigadores a prosseguir nessa direção:

- os inimigos imediatos da Semiologia (FFCL – São José do Rio Preto) e os inimigos mediatos (pessoal da Lingüística “ortodoxa” e sobretudo o pessoal da crítica literária).

- curso do Prof. I. Blikstein, na USP, em nível de pós-graduação, em 1967 e 1968, cujas leituras de *Cadeira com cachimbo*, de Van Gogh, e *A mesa*, poema de Carlos Drummond de Andrade, marcaram de vez minha adesão à Semiótica/Semiologia.

- os encontros quinzenais para leitura, bate-papos, sobre textos visuais, animados por E. Peñuela Cañizal na FFCL – São José do Rio Preto, na mesma época.

- as complicações que a concepção *à la Chomsky* da co-referencialidade [entendida como a condição pela qual duas partes de uma frase se referem à mesma coisa] acarretava para minhas

tentativas de explicitar a relação entre os mecanismos ana-catafóricos do texto e as suas linhas isotópicas. Cheguei a compartilhar, por algum tempo, desse realismo ingênuo, afirmando – como constatado pelos relatórios da época – endossar irrestritamente – *Proh pudor!* – a descrição da relação entre frases quase sempre fundamentada na identidade extensional dos *designata*, ponto de vista dominante nos enfoques transformacionais.

Essa a direção que tentava seguir, após a decepção sofrida com *A dêixis pessoal* – tese de doutorado defendida em 1973, na qual, aplicando Greimas, procurei chegar a uma sistematização dos dêiticos pessoais. Donde veio a decepção? De um trabalho voltado para a análise do signo na frase isolada. Jurei não trabalhar nunca mais com signo ou com frase. Mais um passo em direção à verdadeira preocupação da Semiótica: não a frase, mas o texto.

Bastou ouvir, com mais atenção, Greimas, no encerramento do curso por ele dado em 1973, na FFCL “Barão de Mauá”, em Ribeirão Preto-SP, cuja última aula foi sobre o tema *Hors le texte, pas de salut!*, para desistir, de vez, de um enfoque baseado no signo ou na frase isolada, na minha tentativa de explicitar mecanismos subjacentes à produção do texto.

Mesmo exorcizada, forcluída, a realidade continuava a incomodar como uma pontada latejante.

O estágio em Paris, no ano letivo de 1979-1980, veio a reabrir a ferida.

De um lado, as colocações que ouvia sobre as paixões, no Seminário dirigido por Greimas, me davam a impressão de uma manifestação exacerbada do racionalismo francês sobre algo que me parecia irracional, esquecendo ou querendo esquecer que *La raison a son sentir, que le coeur ignore* (Eugenio d’Ors, *Du baroque*. Paris: Gallimard, 1968: 183); de outro, as atividades desenvolvidas nos ateliers de J.-M. Floch (Semiótica Plástica) e de Cl. Zilberberg (Semiótica do Discurso Poético) lançavam um novo jogo de luz sobre a relação Língua Natural/Mundo Natural tratada por Greimas, no *Du sens*, já em 1970; isso permitiu-me retomar a questão do relacionamento língua-realidade, não alimentando mais a ilusão de apreendê-la, mas de ver um pouco menos ingenuamente o que acontece nesse intervalo.

O interesse pela figurativização nasceu daí. Ovídio, redescoberto, quando preparava um curso de pós-graduação a ser dado na Faculdade de Letras, da U.F.M.G., em 1988 (não acontecido graças a José Sarney), levou-me ao estudo, não das metamorfoses, minha preocupação inicial, mas da metamorfose. E. Cassirer, Cl. Lévi-Strauss, o Greimas de *Des dieux et des hommes* bem como as pesquisas dos visualistas sobre o semi-simbólico, deram o empurrão que faltava. O resultado é a tese submetida a exame para obtenção do título de Livre-Docente: *Figurativização e Metamorfose – Relações Intersemióticas – (O Mito de Narciso)*.

O texto transcrito fala de Ignácio até 1992, mas não pára aí: abre caminho para se rever o pesquisador, sempre atento às reflexões sobre mito/metamorfose, os desdobramentos da Semiótica na última década do século XX e perspectivas para o XXI. Contratos assumidos com seus pares, com vistas a aprofundar questões que o Projeto Semiótico propõe e está em busca de desenvolver.

Ignácio ensinou a todos nós que a fidúcia, a fé dada ao acordo, modaliza todos os contratos, em especial os que ele estabeleceu com seu público-pesquisador. Se a metamorfose permeia a construção de qualquer texto que trabalha com o semi-simbolismo, ficamos a certeza de que a adesão afetiva/efetiva garante a *permanência*, a despeito de tantas metamorfoses.